


BLUMENAU

em Cadernos

 TOMO XXXVIII
FUNDAÇÃO JUNHO DE
CULTURAL 1997 No. 06
DE BLUMENAU
25 ANOS

BLUMENAU
EM CADERNOS
40 ANOS
1957 - 1997

ISSN 0006-5218

BLUMENAU

em Cadernos

Fundação Cultural de Blumenau
Bráulio Maria Schloegel
Presidente

Diretoria Administrativo-Financeira
Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica
Sueli Maria Vanzuita Petry

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

Revista "BLUMENAU EM CADERNOS"
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva.**

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



BLUMENAU

COPYRIGHT © 1997 by Fundação Cultural de Blumenau

CAPA

Projeto Gráfico: Gilberto da Silva Santos
Acervo: Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"
Fritz Müller aos 70 anos de idade. Homenagem referente
ao seu centenário de falecimento: 1897 - 1997
A imagem de fundo retrata a
Colônia Blumenau em 1889.

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira, Niels Deeke,
Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

APOIO TÉCNICO

Maria Teresinha Heimann, Gilberto da Silva Santos
Edelberto Hartmann Junior

DIAGRAMAÇÃO/EDITORAÇÃO

Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda
Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

SUMÁRIO

O papel da administração pública no desenvolvimento local: o caso de Blumenau - contribuições para o debate <i>Ivo Marcos Theis</i>	07
Blumenau: um lugar, uma idéia, uma pessoa <i>Sabine Kiefer</i>	20
A Rua 15 de Novembro <i>Siegfried Carlos Wahle</i>	30
O Maestro Heinz Geyer <i>Edith Kormann</i>	33
Regulamento para o serviço de carros, carretas e outros vehiculos em Blumenau	41
Ecos de um Congresso / "Nossa América" / Variadas <i>Enéas Athanázio</i>	45
Correspondência <i>Marie Koechy</i>	46
Festa da Cumeeira / Cigarra - Besouro de Natal - Weihnachtssäfer <i>Theobaldo Costa Jamundá</i>	47

O Papel da Administração Pública no Desenvolvi- mento Local: O Caso de Blumenau - Contribuições para o debate

Texto:

Professor
**IVO MARCOS
THEIS***



Introdução

Parece consensual a opinião de que a economia do Vale do Itajaí se encontra em crise¹. A pergunta que se impõe é: como sair dessa crise? Dada a impossibilidade de se proporcionar uma resposta acabada à pergunta, pretende-se aqui apenas indicar algumas questões para uma reflexão acerca de possíveis alternativas.

Para enfrentar este desafio, convém caracterizar a referida crise. As hipóteses de que se parte (e facilmente verificáveis) são as seguintes: a economia do Vale do Itajaí se assenta na produção têxtil e esta vem passando por dificuldades desde a década de oitenta. Na seqüência serão examinadas algumas experiências recentes de várias regiões bem sucedidas que têm chamado atenção de cientistas sociais, sobretudo daqueles que vêm lidando com problemas de geografia econômica. Com base nestas experiências, pretende-se fazer uma análise

*) Professor do Depto. de Economia da FURB; Doutorando em Geoeconomia pela Universidade de Tübingen (Alemanha).

¹ Não é possível comentar aqui o providencial e competente estudo levado a efeito por MEYER-STAMER et al. (1996), que oferece uma caracterização mais completa do que aqui se vai entender por crise da economia regional. Se, contudo, é feita referência ao caráter consensual da opinião de que a economia regional se encontra em crise, então se tratam das manifestações feitas através da imprensa local por representantes empresariais (é o caso do Sr. Prayon em matéria do JSC de 13-14/4/97, p. 3A e do Sr. Bueno em entrevista ao JSC Economia de 20/4/97, p. 3) e autoridades locais (é o caso do Sr. Schiochet, titular da Secretaria Municipal do Trabalho, Renda e Desenvolvimento Econômico em artigo assinado ["Modelos Industriais: O Caso de Blumenau"] no Caderno Econômico do jornal *A Notícia* de 16/3/97, p. 2).

das alternativas de desenvolvimento regional para o Vale do Itajaí.

O contexto espacial e temporal

Inicialmente, cabe lembrar que por Vale do Itajaí se entende a Mesorregião Geográfica do Vale do Itajaí (IBGE 1990). Em termos demográficos e sócio-econômicos se destacam as cidades de Itajaí (Baixo Vale), Brusque (Vale do Itajaí-Mirim), Blumenau (Médio Vale) e Rio do Sul (Alto Vale).

Itajaí é o município mais antigo, tendo se emancipado já em 1859. Ainda no século XIX emancipar-se-iam Blumenau e Brusque. Desde a instalação das primeiras empresas têxteis em Blumenau (Hering em 1880, Karsten em 1882) e Brusque (Renau em 1892, Buettner em 1898) até os dias de hoje a indústria do Vale do Itajaí, baseada no ramo têxtil, desenvolveu-se extraordinariamente. Para resumir este desenvolvimento pode-se recorrer à seguinte periodização² :

Tabela 1
Fases de desenvolvimento da economia regional

Período	Fase de desenvolvimento regional
Séc XVII - 1880	Da economia de subsistência à economia primário-exportadora;
1880 - 1914	Emergência e formação da indústria;
1914 - 1945	Ascensão da indústria tradicional;
1945 - 1965	Diversificação da indústria e ascensão dos gêneros dinâmicos;
1965 - 1980	Aceleração da acumulação de capital e consolidação da indústria;
1980 - 1995	Crise da economia regional no contexto da crise econômica brasileira e gradual perda de importância da indústria tradicional;
1995 - ...	Gradual ascensão de estruturas de acumulação flexível.

² Esta periodização obedece a critérios baseados na análise regulacionista e identifica fases de acumulação e crise da economia regional; como ponto de partida para examinar empiricamente o processo de desenvolvimento regional foram considerados os trabalhos de KHLHEPP (1968), MAMIGONIAN (1965), RENAUX HERING (1974) e VIDOR (1995).

Dados os limites desta contribuição, mas sem desconsiderar a evolução da economia regional nas fases anteriores, convém concentrar a atenção no período mais recente, i.é. a partir de 1980.

O período de 1980 a 1995 corresponde a uma fase de crise da economia do Vale do Itajaí em virtude da própria crise da economia brasileira. Cumpre lembrar que o país se tornou, entre fins dos anos setenta e início dos anos noventa, prisioneiro de uma conjuntura externa desfavorável e de um modelo de desenvolvimento esgotado. Altas taxas de juros lá fora, elevando sobremaneira os serviços de dívida externa, somaram-se a aumentos acelerados nos níveis de preços aqui dentro. A necessidade de geração de saldos comerciais para fazer face aos serviços da dívida, obtidos mediante uma redução nas importações e uma elevação nas exportações, mais as restrições de crédito e os achatamentos salariais, conduziram a uma recessão sem precedentes. O curto período de vigência do Cruzado não alteraria o perfil de uma década que, a 28 de fevereiro de 1986, já estava perdida.

É, pois, no âmbito da crise econômica brasileira dos anos oitenta, durante os quais o mercado interno se contrai violentamente, que a economia regional passa por dificuldades anteriormente desconhecidas. Os ajustamentos que, em decorrência, são realizados pelas grandes empresas têxteis de Blumenau, consideradas as assim chamadas *seis grandes* (Artex, Cremer, Hering, Karsten, Sulfabril e Teka), tiveram diferentes conseqüências (THEISS & KAISER 1994).

Caracterização da presente crise da economia regional e o papel da indústria têxtil

A mais grave destas conseqüências é, sem dúvida, a redução drástica do nível de emprego. Lembremos que a importância das grandes empresas têxteis se deve ao fato de serem, juntas (mas não só em Blumenau), responsáveis pelo emprego de aproximadamente 37 mil trabalhadores e por um faturamento de 880 milhões de dólares em 1994. Embora essas empresas exportassem pouco até o começo dos anos oitenta, cinco

delas passaram na década dos noventa a realizar vendas no mercado mundial superiores a 25 % de sua produção (a exceção era a Cremer).

No caso específico de Blumenau, aconteceu um fenômeno interessante: entre 1985 e 1994 caiu o nível de emprego nas grandes empresas, mas o número de postos de trabalho nos gêneros têxtil e confecções aumentou³. O número de empregos no gênero têxtil pulou neste período de 16.438 para 21.991 e o de confecções de 6.014 para 7.471. Mas, mais interessante ainda é a evolução da participação dos gêneros têxtil e de confecções na economia local e do número de empregados por empresa no período.

Quanto à participação dos gêneros têxtil e de confecções na economia municipal, ela variou surpreendentemente para cima, passando de 60,2 % em 1985 para 63,9 % em 1994. Isso significa que Blumenau se tornou nos anos noventa ainda mais dependente de uma estrutura monoindustrial do que já era no passado. A perda de importância relativa dos gêneros metalúrgico e de alimentos não foi suficiente para alterar substancialmente a estrutura industrial local.

É porém, com relação ao número de empregados por empresa que se deu uma mudança mais significativa. Em primeiro lugar, o número de empresas pulou de 719 em 1985 para 1824 em 1994, um crescimento da ordem de 154 %. Na média, havia 51,8 empregados/empresa em 1985. No caso dos gêneros têxtil e de confecções, essa relação era, respectivamente, de 310,2 e 64,7. Em 1994 a média passou a 25,3 e para os gêneros têxtil e de confecções de 140,1 a 10,5 empregados/empresa respectivamente.

Não há dúvidas de que a terceirização que teve lugar no período recente é responsável pelo processo de redução de trabalhadores por unidade produtiva dos gêneros de maior importância relativa na economia regional e que a tese de Schiochet⁴ de uma *integração verticalizada* é confirmada pela análise empírica. Em face do exposto, o aspecto que deve merecer consideração é o seguinte: o processo de reestruturação industrial antes referido foi levado a efeito com vistas à inserção das empresas têxteis locais na economia capitalista globalizada.

³ A análise a seguir é baseada em dados contidos no relatório da PMB (1995).

⁴ Veja-se nota 1.

Globalização e novos espaços industriais

Para tratar das implicações do processo de *globalização* da economia capitalista mundial, convém esclarecer o que significa este termo no presente contexto⁵ :

- a emergência de um mercado integrado, em que a economia capitalista mundial se torna uma zona única de produção e comércio;
- o aumento e uma combinação diferenciada de investimentos externos diretos;
- o domínio de empresas transnacionais, que definem em escala global o desenvolvimento, a fabricação e a distribuição de seus produtos;
- a internacionalização e a desregulamentação do setor financeiro e sua crescente importância relativamente ao setor produtivo;
- a aceleração das inovações tecnológicas;
- a incorporação de novas tecnologias informacionais aos processos produtivos;
- novas formas de intervenção do Estado;
- uma intensificação das lutas pela hegemonia internacional entre as principais forças capitalistas;
- o crescimento do fosso que separa os países capitalistas centrais dos países periféricos.

As características acima indicam uma considerável ruptura com a velha divisão internacional do trabalho - ou, como dizem os regulacionistas, com o velho modelo de desenvolvimento fordista. Lembremos, a propósito, que entre as dez empresas com maior faturamento no mundo no ano de 1990, encontravam-se quatro do “setor” petróleo, duas do “setor” automobilístico e uma do “setor” de bens de capital - que fornece para montadoras. Três das quatro do setor petróleo e duas do setor automobilístico têm a sua sede nos Estados Unidos (Folha de São Paulo,

⁵ Veja-se entre outros, AGOSIN & TUSSIE (1993), GILL (1992), HIRST & THOMPSON (1992) e STORPER (1992).

21/07/1993). O fato de que sete entre as dez maiores empresas do mundo estavam, direta ou indiretamente, vinculadas à *economia do automóvel* expressa a natureza e o caráter do processo de acumulação que teve lugar nos países capitalistas centrais - sobretudo nos Estados Unidos, sede de cinco empresas (entre as dez maiores do mundo) ligadas à economia do *automóvel* - após o término da Segunda Guerra⁶.

O modelo de desenvolvimento que vem emergindo e a nova divisão internacional do trabalho - compatível com o processo de globalização da economia capitalista mundial - que está se configurando, apresentam desafios à imaginação de analistas e planejadores do desenvolvimento, o que requer um exame que se deve fazer aqui é: o que acontece com os espaços econômicos locais, com as economias regionais, no contexto da globalização em marcha?

Com freqüência são lembrados os casos bem sucedidos de reestruturação de antigos espaços econômicos e de surgimento e fortalecimento de novas economias regionais. Convém distinguir dois modelos: (a) os espaços produtivos baseados em alta densidade tecnológica e (b) os *novos distritos industriais* (KRÄTKE 1996).

No primeiro caso, são conhecidos os exemplos de:

- Silicon Valley (Califórnia/USA);
- Orange Conty (Califórnia/USA);
- Route 128 (Boston/USA);
- Corredor M4 (Grã-Bretanha);
- A região de Cambridge (Grã-Bretanha);
- A região de Grenoble (França);
- A região de Montpellier (França).

No segundo caso, destacam-se:

- Emilia Romagna (a terceira Itália);
- Baden Wuertenberg (Sul da Alemanha);

⁶ Uma característica importante do modelo fordista: as unidades produtivas eram de grande porte.

- A região do Jura (Suíça)
- A Região de Jütland (Dinamarca).

O que está por trás da reestruturação bem sucedida e do surgimento e fortalecimento das economias regionais acima listadas? Não existem respostas fáceis. Entretanto, convém lembrar que a ascensão e queda de espaços econômicos são condicionados pela presença, em maior ou menor grau, de certas dimensões como (SCOTT & STORPER 1992, p. 9):

- arranjos tecnológicos;
- mercados de trabalho e relações industriais;
- culturas e normas gerenciais;
- estruturas de mercado e formas de competição internacional.

Contudo, a mera presença dessas dimensões num dado espaço econômico local não significa garantia de sustentabilidade do processo de desenvolvimento regional. As evidências colhidas por SCOTT & STORPER (1992) indicam a necessidade de bases institucionais, a partir das quais as economias regionais podem ter êxito. São Elas:

- intensificação das transações inter-firmas;
- ênfase na invocação tecnológica;
- requalificação permanente da força de trabalho e dinamização do mercado de trabalho;
- priorização do planejamento não-estatal do desenvolvimento regional.

Entre as várias experiências de desenvolvimento regional bem sucedidas nos países centrais, incluem-se também os exemplos das assim chamadas *conferências regionais* da Alemanha (estas, porém, não são limitadas ao Estado de Baden Wuertenberg). Tratam-se de complexas redes de cooperação que reúnem organizações empresariais, sindicatos, administrações locais, institutos de pesquisa e universidades. Essas redes elaboram cenários de desenvolvimento regional, preocupando-se com as oportunidades de desenvolvimento, com os pontos de estrangulamento da economia regional e nacional e com a antecipação dos custos sociais e ambientais do processo de desenvolvimento (ESSER et al. 1995).

Como se percebe, a globalização da economia capitalista mundial e o surgimento de novos espaços industriais estão interligados. O processo de *ajustamento* por que passaram as empresas têxteis locais se deu neste contexto. No entanto, permanecem não respondidas as seguintes questões: O ajustamento das empresas têxteis locais tornou-as mais competitivas e, assim, as habilitou a *participar* da economia globalizada? O processo de ajustamento implica desemprego duradouro para a força de trabalho dispensada pelas empresas reestruturadas? Quais são as chances de sustentabilidade do processo de desenvolvimento regional a partir dos movimentos recentes da economia local?

Análise das alternativas para o Vale do Itajaí

Dada a exigüidade do espaço, não é possível analisar o papel de cada *agente* envolvido no processo de *reorganização* da economia local. Isto não quer dizer que sindicatos de trabalhadores, empresas, associações empresariais, institutos de pesquisa, universidades e governos dos diferentes níveis não tenham que refletir sobre os *rumos do desenvolvimento* do Vale do Itajaí. Não obstante, restringir-me-ei a algumas questões que deveriam ser enfrentadas pela administração pública municipal.

Para estabelecer alguns parâmetros, convém fazer referência a uma intervenção recente do prof. Stiglitz. Escrevendo sobre o papel do governo no processo de desenvolvimento econômico, o prof. Joseph E. Stiglitz, *chairman do IJ. S Council of Economic Advisers* e defensor ardoroso da economia de mercado e dos interesses do capital privado, afirmou existirem seis áreas nas quais o governo continua tendo um papel fundamental a desempenhar. São elas (STIGLITZ 1997):

- a organização do sistema financeiro;
- a promoção da educação;
- a promoção da pesquisa em ciência e tecnologia;
- a realização de investimentos em infra-estrutura;
- a prevenção da degradação do meio ambiente;

- a criação e manutenção de uma rede de segurança social (*social safety net*)

Um governo democrático-popular certamente não se limitaria a estas áreas. Mas o reconhecimento por parte dos setores mais conservadores da sociedade (aqui representados pela opinião de Joseph E. Stiglitz) de que ao Estado cabem, no mínimo, as tarefas referidas, é um indicador do que é possível fazer numa economia capitalista por qualquer governo. Algumas em maior e outras em menor grau, essas seis áreas poderiam ser consideradas também por administrações locais como formas alternativas de intervenção no processo de desenvolvimento local e regional.

Para encerrar, rápidos comentários sobre duas das áreas acima, sobre uma alternativa que já vem sendo explorada (e, do meu ponto de vista, a grande realização do governo municipal até o presente) e sobre uma possível estratégia do poder público local com vistas à sustentabilidade do processo de desenvolvimento regional.

Em primeiro lugar, a questão da promoção da pesquisa em ciência e tecnologia: é conhecida a experiência do Pólo de Software de Blumenau. Aproximadamente 50 micro e pequenas empresas produtoras de software estão ativas em Blumenau. Uma grande parte delas nasceu do CETIL, que por sua vez surgiu a partir das necessidades da indústria têxtil local. Uma parcela crescente surge e se desenvolve através da contribuição da Universidade. Minha hipótese é que o Pólo de Software é estratégico para a sustentabilidade do desenvolvimento regional. Não apenas o "setor informática" ganha, mas os gêneros tradicionais também, se identificarem os potenciais de informatização e automação existentes. Entretanto, a melhor novidade que o Pólo de Software pode oferecer é o potencial para a emergência de espaços econômicos alternativos como os listados acima, baseados nas experiências dos distritos industriais e no desenvolvimento de atividades com elevada densidade tecnológica.

Em segundo lugar, a questão da prevenção da degradação ambiental: a economia mundial está voltando os olhos para as certificações ISO 14.000 e, em consequência, o mercado consumidor dos países centrais faz investigações detalhadas sobre a origem das mercadorias e sobre os processos de produção. Existe um potencial para a produção de

bens e prestação de serviços demandados local, regional, nacional e internacionalmente com base em critérios ecológicos. Minha outra hipótese é que a economia local reúne condições suficientes para entrar, em condições de competir, na briga por mercados exigentes quanto a especificações ambientais e até mesmo por produtos adaptados a uma economia ecologicamente menos destrutiva.

Em terceiro lugar, a questão da alternativa que já vem sendo explorada: são relativamente desconhecidos os primeiros atos da *reorganizada* Secretaria do Trabalho, Renda e Desenvolvimento Econômico - e é bom que assim seja. Os esforços têm sido orientados no sentido de dar apoio a iniciativas econômicas que signifiquem, simultaneamente geração de emprego e gestão participativa. A despeito de essas iniciativas estarem, no momento limitadas a *salvar* postos de trabalho (o que as cooperativas de trabalho organizadas pelas empresas consolidadas da região também fazem), o seu potencial é indiscutível. O grande avanço fica por conta da forma de gestão: os próprios trabalhadores são estimulados a tomar a administração em suas mãos. Experiências aqui mesmo em Blumenau mostram que os resultados em termos de ganhos de produtividade não podiam ser melhores.

Em quarto lugar, a questão da estratégia: a administração pública local não pode prescindir da participação do capital privado no processo de acumulação. Contudo, ela tem a obrigação de contribuir para que as condições materiais de vida da população local melhorem. A intervenção no processo de desenvolvimento regional (e não apenas local) passa - esta é outra hipótese - pela articulação de alianças estratégicas entre as várias esferas estatais (governos municipais, estadual, federal), a associação de municípios (AMMVI), os institutos de pesquisa, a universidade (FURB), as empresas, as associações empresariais e os sindicatos de trabalhadores.

Existem várias possibilidades de se enfrentar a crise por que passa a economia regional. O fato de Blumenau ser o município economicamente mais importante da região tem significado que a população local tem tido que pagar o alto preço da reestruturação econômica acima descrita. No entanto, a posição politicamente privilegiada de Blumenau pode também indicar alternativas viáveis de desenvolvimento regional.

sem que isto implique para a administração democrático-popular uma concessão desenfreada e sem critérios de incentivos econômico-fiscais.

Considerações Finais

Esta contribuição tratou da crise da economia do Vale do Itajaí e de possíveis alternativas de desenvolvimento regional a partir do papel da administração pública municipal.

Inicialmente, procedeu-se a uma contextualização espacial e temporal da questão. Na seqüência, foi caracterizada a presente crise da economia regional e, no âmbito desta, discutido o papel da indústria têxtil. Depois foram abordados o processo de globalização e aspectos relevantes dos *novos espaços industriais*. Finalmente, realizou-se uma análise das alternativas de desenvolvimento regional para o Vale do Itajaí.

A conclusão deste trabalho é que a economia do Vale do Itajaí vai continuar se assentando na produção têxtil e de confecções por um período ainda considerável. As presentes dificuldades por que passam esses gêneros industriais implicam liberação de força de trabalho que, em parte, permanece ocupada na indústria têxtil e de confecções (ou em cooperativas de trabalho e em facções verticalmente integradas à tradicional indústria têxtil local ou em microempresas desvinculadas das *seis grandes* e criadas como alternativas de sobrevivência). É neste quadro que as várias experiências recentes acima examinadas podem oferecer lições importantes. Uma análise mais detalhada dos problemas e das vantagens associadas a essas experiências pode oferecer parâmetros para as alternativas de desenvolvimento regional para o Vale do Itajaí.

Há, contudo, prioridades que a administração democrático-popular pode se colocar agora: (a) apostar no Pólo de Software e estimular atividades econômicas baseadas em alta densidade tecnológica, (b) apoiar processos produtivos *ecologicamente limpos* e estimular a produção de equipamentos voltados para um *mercado verde* que cresce a taxas geométricas, (c) concentrar esforços e recursos na geração de empregos vinculados a iniciativas que privilegiem a gestão pelos próprios produtores, e (d) promover alianças estratégicas entre governos (municipais, estadual e federal), associação de municípios (AMMVI), institutos de pes-

quisa, universidade (FURB), empresas, associações empresariais e sindicatos de trabalhadores.

Referências Bibliográficas:

- AGOSIN, M. R. & TUSSIE, D. (1993) Globalización, regionalización y nuevos dilemas en la política de comércio exterior para el desarrollo. In: *El Trimestre Económico*, 239, pp. 559-599.
- ESSER, K. et al. (1995) Competitividad sistemica. In: *Textos de Economía*, 6(1), pp.171 -203.
- GILL, S. (1992) Economic globalization and the internationalization of authority: limits and contradictions. In: *Geoforum*, 23 (3), pp. 269-283.
- HIRST, P. & THOMPSON, G. (1992) The problem of globalization: international economic relations, national economic management and the formation of trading blocs. In: *Economy and Society*, 21 (4), pp. 357-396.
- IBGE (1990) *Geografia do Brasil* (Vol. 2: Região Sul). Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- KOHLHEPP, G. (1968) *Industriegeographie des nordoestlichen Santa Catarina, Brasilien. Ein Beitrag zur Geographie eines deutschbrasilianischen Siedlungsgebietes*. Heidelberg, Universitaet Heidelberg.
- KRÄTKE, S. (1996) Regulationstheoretische Perspektiven in der Wirtschaftsgeographie. In: *Zeitschrift für Wirtschaftsgeographie* 40(1-2), pp. 619.
- MAMIGONIAN, A. (1965) Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. In: *Revista Brasileira de Geografia* 27(3), pp. 389-481.
- MEYER-STAMER J. et al. (1996) *Industrielle Netzwerke und Wettbewerbsfaehigkeit: Das Beispiel Santa Catarina/Brasilien*. Berlin, Dt. Institut fuer Entwicklungspolitik.
- PMB (1995): *Retrospectiva econômica de Blumenau 1985-1994*. Blumenau Prefeitura Municipal de Blumenau.

- RENAUX HERING M. L. (1987) *Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento*. Blumenau Ed. FURB.
- SCOTT A. & STORPER M. (1992) Regional development reconsidered. In: ERNSTE H. & MEIER v. (Org.): *Regional development and contemporary industrial response: extending flexible specialisation*. London & New York Belhaven Press pp. 3-24.
- SINGER P. (1974) *Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife*. São Paulo Nacional.
- STIGLITZ J. E. (1997) The role of government in economic development. In: *Annual World Bank Conference on Development Economics 1996*. Washington/DC World Bank pp. 11-23.
- STORPER M. (1992) The limits to globalization: technology districts and international trade. In: *Economic Geography* 68(1)1 pp. 60-93.
- THEIS I. M. & KAISER W. (1994) *Globalization, flexible accumulation, and new urban social movements: the case of Blumenau/Brazil* (Paper presented at the Sixth Annual International Conference on Socio-Economics Paris July 15-17 1994).
- VIDOR V. (1995) *Indústria e urbanização no nordeste de Santa Catarina*. Blumenau Ed. FURB.

**Blumenau:
um lugar,
uma idéia,
uma pessoa***

Texto:

*SABINE KIEFER***



1. Blumenau - um lugar

No livro "A Colônia Alemã Blumenau na Província St. Catarina no Sul do Brasil", publicado em 1851, Dr. Hermann Blumenau escreveu:

"... depois que os primeiros imigrantes chegaram e outros anunciaram a sua vinda, estou a ponto de fundar definitivamente uma colônia alemã na região já mencionada."

Com essa frase, Dr. Hermann Blumenau deu início à colonização mais planejada e abrangente do Vale do Itajaí. A partir de 2 de setembro de 1850, a chegada organizada do homem branco fez com que o Vale deixasse de ser um lugar selvagem. Apenas há 150 anos atrás, o homem branco começou a distribuir a terra em pequenos lotes, a plantar, a construir, enfim, a incorporar essa região à política e economia nacional. Terras até então não-cultivadas se tornaram lugares de produção alimentar, lugares de religião protestante, lugares de alfabetização e afinal lugares de produção de textos, documentos e publicações.

Através da fundação da Colônia Blumenau, uma nova cultura criou-se na mata virgem do Vale de Itajaí. Foi o Dr. Hermann Blumenau, que nos primeiros dez anos da existência da colônia e co-

*) Antropóloga e pesquisadora (Köln - Alemanha).

***) O texto baseia-se na tese de mestrado entregue em dezembro 1992 na Faculdade de Filosofia, Departamento da Etnologia da Universidade de Colônia (Alemanha). Em 1991 passei dois meses em Blumenau para fazer uma pesquisa no Arquivo histórico de Blumenau. Agradeço muito à Diretora do Arquivo, Sueli Petry, e sua equipe pelo apoio incansável e especialmente a Sueli pelo interesse e pelas conversas que enriqueceram o trabalho.

mo empresário independente, tinha a possibilidade de construir uma organização social e cultural fora de seu próprio contexto cultural.

No anexo do já mencionado livro, publicou um estatuto no qual determinou a organização social da colônia. Esse estatuto foi a base obrigatória para a convivência dos colonos, cujo conteúdo já era conhecido pelo emigrante antes da viagem, pois ele tinha que assiná-lo. O objetivo do estatuto, segundo Dr. Blumenau, era “unir todos os habitantes da região para ser uma comunidade forte”. Ele previu fundar duas instituições: o Conselho da Colônia e a Comissão de Assuntos Religiosos e Educacionais, a última exclusivamente para todos os protestantes. O Dr. Blumenau reservou para si uma vaga na administração das instituições. Cinco anos depois ele as deixou, oferecendo ajuda apenas quando fosse necessário. Através dessa transformação do poder formal em poder informal, ele segurou o controle sobre os acontecimentos da colônia, porque impediu-se a possibilidade de ser derrotado nas instituições e aceitar decisões não-desejadas por ele.

O assunto principal do estatuto era o regulamento da distribuição de terras e de créditos. A distribuição de terras orientou-se pelo estado civil, pela educação e pela quantia de bens do imigrante. A distribuição de créditos estava ligada à capacidade produtiva e à disposição para o trabalho do colono solicitante, cuja definição cabia ao julgamento do próprio Dr. Blumenau:

“... um ágil e disposto jovem de 14 anos pode, na prática, facilmente receber o mesmo que um homem desajeitado e desleixado.”

E nas negociações de colonos entre si, ele permitiu-se interferir, determinando os juros e distribuindo as notas promissórias. Mostra-se a posição central do fundador, que também como empresário e dono de terras ficou sendo a pessoa que mantinha o contato com as pessoas de fora da colônia e recebia os colonos recém-chegados.

Além de ter sido um ato pessoal, a fundação da colônia de Blumenau foi possibilitada e influenciada pelas necessidades e pelos desejos políticos e econômicos tanto do governo brasileiros quanto dos estados alemães.

No século passado, as relações de trabalho dominantes no Brasil foram caracterizadas pela escravidão e como consequência disso existiam uma distribuição de terras e um conceito sobre o trabalho: os trabalhos manuais só eram reservados aos escravos, e que a longo prazo destoariam do novo sistema econômico, o capitalismo. Faltou a idéia de propriedade de pequenos lotes e faltaram artesãos nos centros comerciais. O governo brasileiro, além de perceber as necessidades decorrentes do sistema econômico, e com a proibição da importação de escravos, finalmente no ano de 1850, sob a pressão da Inglaterra e a necessidade de implantar uma infra-estrutura nas terras incógnitas pelo governo, fizeram incentivar a imigração européia.

Na primeira metade do século passado, nos estados alemães a situação no campo foi caracterizada por um parcelamento de terras devido às regras de herança e por colheitas ruins nos anos 40, e nas cidades, por uma pobreza cada vez pior por causa da industrialização e da falta de proteção da mão-de-obra. Na área política, novas ideologias surgiram e se fortaleceram. O liberalismo buscou realizar a divisão dos Poderes e a garantia de direitos básicos: a liberdade de opiniões, de reunião, de propriedade e a igualdade de todos perante a Lei. O nacionalismo ganhou destaque devido à idéia de ser uma nação, por causa de uma cultura em comum que se expressa na prática de uma língua. Nessa época, as fronteiras territoriais não congruam com os limites de expansão do idioma, existiam muitos estados pequenos que se associaram em um conjunto não muito forte, chamado "União Alemã". A tentativa de ser uma nação forte dentro de um território e a busca de realização das idéias liberais esbarrou num feudalismo não-atingível. O resultado foi o fracasso da revolução de 1848 e a persistência de pequenos estados. A idéia de ser uma nação baseada na cultura não só foi buscada na área política, mas também se canalizou num sentimento de patriotismo que incluiu conotações de superioridade moral e intelectual. Estas conotações têm que ser entendidas como frutos de duas decepções:

- a decepção da "União Alemã" enquanto instituição política;
- a decepção na França, com o projeto da grande nação que não se realizou: liberdade, igualdade e fraternidade ainda ficaram por vir.

2. Blumenau - uma idéia

Nenhum dos estados alemães se preocupava com a questão da emigração, não a consideravam como dever do poder público. A organização da emigração foi para a iniciativa privada. A administração da emigração se tornou portanto um negócio. Promessas falsas foram feitas em função de dinheiro.

No ano de 1846, o Dr. Hermann Blumenau publicou suas idéias de colonização num capítulo de um livro editado por Ernst Wappäus. Ali, ele reclamou que nenhum estado se interessava pelo assunto considerado por ele “muito importante”. As reclamações não eram só sobre a falta de proteção aos emigrantes, mas também sobre a perda dessas pessoas pela nação cultural, a perda de mão de obra pela economia e a falta de estabelecimento de relações comerciais entre os emigrantes e os estados alemães. Para evitar essas desvantagens, Blumenau propôs uma centralização da emigração alemã, e ao longo do capítulo ele analisou as condições favoráveis dessa teoria. Como sustentador do projeto, o Dr. Blumenau imaginava uma junta de governos alemães. Os fatores que ele considerou importantes eram:

- espaço físico para um milhão de alemães;
- um clima bom, uma terra boa para o plantio e boas vias de transporte;
- a integração política dessa colônia no país acolhedor, ou seja, independência da “União Alemã”;
- uma população desleixada para obter o predomínio econômico nesse país;
- um nacionalismo mais fraco no país acolhedor que o dos alemães .

Já nesse livro como nos de propaganda que seguem, ele destaca a função do trabalho como meio de transformar pessoas marginalizadas pela sociedade em bons cidadãos.

Nos anos de 1846 até 1850, Dr. Blumenau apresentou vários requerimentos e negociou tanto com os governos brasileiros como com os da “União Alemã”. Ele fracassou e não conseguiu realizar a centralização pretendida, através da qual “ele queria tornar milhares de pessoas felizes”. Entretanto, ele continuou insistindo com o projeto de colonização. Em vez de uma junta de governos, foi ele quem fundou uma colônia em

território menor, mas com as mesmas preocupações: preservação da cultura e evolução de uma economia forte através de trabalho manual:

“Minha colônia pode e deve ser um refúgio para os emigrantes da língua alemã e da linhagem alemã, que com o suor do próprio rosto querem ganhar o seu dia-a-dia e propiciar um futuro seguro e despreocupado a si mesmo e aos seus filhos.¹”

A fundação da Colônia Blumenau não significou só a criação de uma cultura, mas também de uma contraproposta diante das situações existentes tanto no Brasil quanto na “União Alemã”. Nesta, o trabalho manual, especialmente na área rural, perdia importância por causa da industrialização e, em consequência, muitas pessoas empobreciam. Dr. Blumenau queria realizar exatamente o contrário: alcançar a prosperidade através do trabalho manual. Além disso, o conceito de trabalho como meio de melhoria esbarrou no conceito aqui existente caracterizado pela escravidão. A distribuição da terra em pequenos lotes modificou a idéia de propriedade. A existência da “União alemã” impedia a congruência entre a nação cultural e a nação territorial. Só foi em pequena escala e só pelo menos nos primeiros 10 anos da colônia. Mas o que Dr. Blumenau conseguiu, foi exatamente a congruência entre um território e a expansão de uma cultura.

3. Blumenau - uma pessoa

A transformação da natureza em civilização, a contraproposta incluída nas idéias da colonização, a realização de um ato que, em seguida, influenciaria a vida de muitas pessoas e, finalmente, a solidão de um ato individual levaram os biógrafos a enaltecer a vida de Hermann Blumenau e a fundação da colônia. Só um exemplo: na biografia de 1950, Fouquet chama-o “profeta de um futuro maior e mais belo para a Província de Santa Catarina...”² Na mesma ele vê na colonização, “a missão que (Hermann Blumenau) devia cumprir neste mundo.” José Ferreira da Silva

¹ Relatório, publicado no ano 1856.

² Fouquet, Carlos. A Vida e a obra de Dr. Blumenau, 1950, Blumenau.

destacou como elementos predominantes no caráter do Dr. Blumenau “a sua extraordinária persistência e tenacidade³”.



Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau
com 26 anos (1845)

Hermann Bruno Otto Blumenau nasceu no dia de 26 de dezembro de 1819, em Hasselfelde, na região de Harz, como sexto e último filho. Frequentou o colégio em Brunswick, deixou-o em 1839 porque, segundo os biógrafos, o pai assim o desejava. Ele começou a fazer um curso farmacêutico numa farmácia de Blankenburg, também na região de Harz, curso esse que terminou em 1840 em Erfurt. Depois de vários empregos, Dr. Blumenau começou a trabalhar no laboratório farmacêutico Trommsdorff, em Erfurt, no ano de 1842. Através desse trabalho, ele entrou em contato com cientistas famosos da época como Julius von Liebig

e Alexander von Humboldt. Para tirar a patente de um novo método químico, Dr. Blumenau viajou a Londres no final do ano de 1843, onde chegou a conhecer o cônsul-geral brasileiro na Prússia, Johann Jakob Sturz. Segundo uma carta de Hermann Blumenau, nessa época ele já devia ter se preocupado com a questão da emigração há pelo menos dois anos. O interesse do Dr. Blumenau nesse assunto se intensificou com a amizade com Sturz, que se tornou amigo paternal para ele segundo as cartas escritas ao Sturz nos anos seguintes. Em setembro de 1844, Dr. Blumenau se matriculou na Universidade de Erlangen, onde terminou o curso de Química com a tese de doutorado em março de 1846. Sete dias depois de receber o diploma, Dr. Blumenau viajou para o Brasil.

³ Silva, José Ferreira da. O Dr. Blumenau, 1933.

O que lhe deu tanta coragem para se afastar do seu próprio país? Só foi o dever social? Nas cartas, que escreveu durante a viagem aos seus pais, ele mencionava “a ânsia do desconhecido, do estrangeiro” e os objetivos da sua profissão. Dr. Blumenau foi químico, e escreveu se a colonização não desse certo, ele buscaria um emprego no Brasil como químico. As ciências naturais ainda estavam se desenvolvendo nessa época e a visão da natureza representada por elas era ambígua. Alexander von Humboldt por exemplo que deu uma carta de recomendação a Dr. Blumenau, começou a entender a natureza como objeto de pesquisa, a medi-la e classificá-la. Anotações nas agendas do Dr. Blumenau evidenciam essa visão: ele descreveu as estrelas no céu e o movimento do mar, além disto tem uma lista de peixes vistos, e assim, mais tarde, uma lista de todas as plantas aqui encontradas. Mas tanto Dr. Blumenau, como Alexander von Humboldt ainda representaram a visão da natureza como feita por Deus, cheia de mistérios que impressionam e ameaçam o ser humano. E Dr. Blumenau sabia se deixar preencher por uma força poderosa:

“As maiores árvores que já vi, as lindas lianas, várias espécies de bambus. Flores vermelhas, amarelas e algumas em azul e lilás aqui florescem junto às águas calmas do rio, caindo das margens, formando arbustos que fornecem sombra, é um silêncio na mata que faz bem à alma. Às vezes se ouve os gritos de jacus ou jacutingas que se encontram em grande números. E em torno de e por cima de tudo isto a expressão de uma indescritível tranqüilidade e majestade, um ar saboroso e um céu de azul maravilhoso - foram dois dias lindos que passei na longínqua solidão onde antes de mim não pisou nenhum homem civilizado⁴”.

Este ponto de vista só é compreensível com base no pensamento do Iluminismo, porque ele nega a existência do índio e então Dr. Blumenau entrou no espaço divino, encontrando Deus na forma da “majestade” que está “por cima de tudo”. Mais tarde ele vai fundar a colônia Blumenau perto desse lugar. Esse trecho é também interessante por um outro motivo. Muito espaço nas cartas de Dr. Blumenau é ocupado pelas lamentações do seu mal-estar, seja por causa da comida no navio, seja por causa de uma doença no ouvido - ele era meio-surdo por causa de uma gripe forte durante a infância - e por causa de uma doença nos olhos, que

⁴ Carta 21.4.1848.

ele não especificou mais. A citação acima mencionada é o único trecho no qual ele fala do próprio bem-estar, mesmo lamentando depois sobre os esforços da viagem. Ele não só foi tocado por uma força, mas também sentiu a própria força no futuro lugar da sua colônia.

Por que Dr. Blumenau procurou um espaço longe da sua própria casa para se realizar? Como caçula, ele tinha uma relação muito afetiva com a mãe. Ele, um homem de 28 anos, menciona nas cartas o apelido “homenzinho”⁵, que ela usava. Um outro depoimento dele mostra a relação quase simbiótica com a mãe, ele se sentia acompanhado pelo olho da mãe. A relação com o pai parece ser menos afetiva e muito mais caracterizada por uma obrigação do Dr. Blumenau, de convencer o pai da utilidade da própria existência.

“Muito me magoa que você, meu querido pai, se preocupe tanto! Por que? Meu bom pai, será que eu mereço esta constante desconfiança? (...) Que sou perseverante, creio que demonstrei, quando lutei primeiro para chegar ao Brasil e aqui muitas vezes sob condições realmente desagradáveis, fui eu perseverante em minhas idéias e me posicionei agora de tal maneira, que posso estar tranqüilo quanto ao meu futuro⁶.”

A valorização da própria força dependia da postura do pai. Para se afastar da desconfiança do pai e se fundir com uma energia paterna positiva, Dr. Blumenau se relacionou com Sturz, que conheceu em Londres.

Os biógrafos falam da grandeza desse homem. Sem dúvida, o ato de fundar uma colônia, que deu certo, seduz um autor a atribuir qualidades extraordinárias a essa pessoa. Sem diminuir os méritos desse ato, uma leitura das cartas querendo captar a realidade de um ser humano, permite a pergunta: até que ponto a persistência, a tenacidade e a vontade de fundar uma colônia foram acompanhadas pela necessidade interna de se autoafirmar diante dos pais?

⁵ O apelido se explica assim: a segunda sílaba do pré-nome do Dr. Blumenau significa em alemão: “homem”. A língua brasileira cultivava muito a forma diminutiva, a língua alemã não. Em alemão, o apelido “homenzinho” expressa muito apego e a visão de que o filho ainda não é adulto.

⁶ Carta, 21.4.1848.

4. A herança: Blumenau - uma pessoa, uma idéia, um lugar

No ano 1884, doutor Blumenau voltou para Brunswick, na Alemanha, onde faleceu no dia 30 de outubro 1899. No dia de 25 de julho 1974, 75 anos depois da morte, os restos mortais do Dr. Hermann Blumenau foram trasladados e colocados no mausoléu construído para este fim. Através do traslado, o fundador ganhou presença em um lugar exclusivamente reservado para ele e a sua família. Ao passar pelo mausoléu, a lembrança ao doutor Blumenau é provocada. Na ocasião do traslado, o Governador Colombo Salles disse:

“... O nome de doutor Blumenau é proclamado em cada sorriso, por não dizer em cada choro, em cada transação comercial e rotineira. Cada gesto dos muitíssimos gestos que fazem cada dia no viver desta cidade é acompanhado do balbuciar, mas não falado do nome do doutor Hermann Bruno Otto Blumenau⁷”.

Curiosamente, esta onipresença de doutor Blumenau não corresponde a uma dedicação ativa a sua pessoa pela comunidade. Nas entrevistas feitas por mim, só poucas vezes ele é mencionado espontaneamente como ídolo. Um olhar no livro de visitantes no mausoléu mostra que só raras vezes é visitado por um cidadão blumenauense. No dia 30 de outubro do ano passado, o dia da morte do doutor Blumenau, o mausoléu ficou vazio, também no dia de aniversário, dia 26 de dezembro. Na área política, ele pareceria estar desaparecido, se não fossem pequenos sinais de revivência. No ano passado, um instituto para a preservação do patrimônio histórico com o nome da esposa dele Bertha Blumenau, se fundou, significando uma revivência indireta. No atual governo, um retrato dele foi colocado antes da longa série das fotos de prefeitos no salão nobre. Nesse ato simbólico, a posição de fundador foi dado a ele em um lugar acessível ao público.

No ano passado, o mausoléu tornou-se um lugar de festividades. Cinco dias antes das comemorações da “Independência do Brasil”, a comunidade blumenauense reuniu-se para comemorar o aniversário da cidade. A função das cerimônias é para manifestar e demonstrar a identidade da cidade, como também evidenciar a relação entre o fundador e a ci-

⁷ Jornal de Santa Catarina, 26.7.1974.

dade. O discurso do então prefeito se caracterizou pela valorização dos ideais de Dr. Blumenau na sua maneira de colonizar. A ausência da escravidão e a distribuição de pequena propriedade. No final do discurso fez um breve resumo das conquistas da sua gestão quase terminada como uma avaliação dos desafios atuais. A visão da relação entre o início da colonização e os tempos atuais se esgota no convite de seguir o exemplo dos antepassados.

Além desse único uso pelo poder público, o mausoléu funciona como sala de aula ou ponto turístico. Segundo o livro de visitantes, o mausoléu é visitado mais pelos alunos das escolas e dos colégios da cidade e pelos turistas.

A cidade oferece várias atrações que valem a pena serem visitadas. Ela se destaca pela região onde está: O Vale Europeu. Por muito tempo, o turismo de compra floresceu; a malha aqui produzida foi muito procurada. As indústrias têxteis, fundadas por alemães, deram sinal da diligência alemã. Há 13 anos, no mês de outubro, uma festa convida a participar de 17 dias de folia, a Oktoberfest. As cores da Alemanha, danças folclóricas alemãs, coreografias em cima da história da cidade, cerveja, chucrute, salsicha, mulheres loiras e uma música alemã, que no fundo só é a música da Baviera, estão esperando os visitantes. Fora da Oktoberfest, o turista tira suas fotos em frente à prefeitura “enxaimel” ou da Casa Moellmann. Se ele não entende o alemão, deve achar o comércio e a gastronomia disseminados por alemães diante de tantas palavras que dão a noção de ser alemão.

Através da fundação da colônia, o doutor Blumenau deu início a um *discurso*⁸ que no contexto nacional é caracterizado pela diferença entre a nacionalidade brasileira e a cultura alemã. A cidade de Blumenau é conhecida como “cidade alemã” no contexto nacional. Ela sempre era e é percebida pelas diferenças que a destacam. O turista que chega aqui, procura o estrangeiro, o desconhecido em comparação ao contexto nacional. Foi o doutor Blumenau que deu início, mas ao longo da história sempre houve pessoas que manifestavam ou modificavam o discurso. A dualidade que marca esse discurso era acompanhada por conflito ou harmonia,

⁸ A palavra discurso usada, segundo Michel Foucault é entendida como a comunicação de um significado.

dependendo da perspectiva e do objetivo político. Até hoje, há muitos blumenauenses e não-blumenauenses da origem alemã ou não, que dão continuação a esse discurso. A observação do cotidiano permite dizer, que a herança do doutor Blumenau e as manifestações de suas idéias, se tornaram assuntos políticos e econômicos altamente interessantes. E falar sobre isso, vai dar material para mais uma tese!



Aspectos da Rua 15 de novembro em Blumenau

A Rua 15 de Novembro

Texto:

*SIEGFRIED
CARLOS WAHLE**



Em torno de 1920 foi resolvido dimensionar em definitivo a Rua XV de Novembro. Optou-se para uma largura de 10 metros em toda a sua extensão, desde a Casa Ruediger, em frente ao Grupo Escolar “Luiz Delfino”, até o cruzamento com a Rua Itajaí, numa extensão de um quilômetro aproximadamente. Inicialmente as autoridades sofreram uma grande oposição, pois, o povo achava um absurdo esta largura, nem admitiu a tentativa de fazer com que esta rua fosse também retificada. Naquela época perdeu-se uma grande oportunidade em dar a Blumenau uma característica de cidade moderna. Com o passar do tempo, isto tornou-se inviável. Inicialmente a rua teve somente a sua largura demarcada. A intenção era prover a rua com um leito de macadame. Houve uma postergação, devido à falta de um rolo compressor cuja finalidade era compactar o subsolo e a superfície acabada.

Poucos realmente sabiam o que era um leito de macadame, uns referiam-se a um leito de “macadame”, outros a um leito de “macadama” e alguns usavam a expressão inglesa de “macadam”.

O macadame é uma expressão derivada do nome de seu inventor, o escocês “John Loudon McAdam” (1756 - 1836). Em inglês o método ficou conhecido por “macadam”. Ele foi um pioneiro em atividades de construção de estradas na Inglaterra. Macadame não é sinônimo de asfalto ou superfície asfáltica como geralmente se acredita.

*) Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.



Rua 15 de Novembro - década de 20

Do lado esquerdo, Casa Comercial de Hermann Rüdiger

Macadame é um método de construção de estradas e ruas, o qual consiste em abrir nelas uma cavidade abaulada igualmente alta em toda a sua largura (caixa de estrada) que depois de compactada, enche-se com uma camada de pedra britada, passando numa peneira de 65 mm e é retida em 50 mm, que é assentada e calcada com o rolo compressor, depois coberta com uma camada de saibro ou areia grossa e compactada com o rolo compressor até que forme como um corpo sólido e compacto.

Adquirido o rolo compressor, foi dado início à execução do leito de macadame na confluência da Rua Dr. Amadeu da Luz com a Rua XV de Novembro.. Como em Blumenau na época só havia uma rua, o leito de macadame foi implantado por partes. Abria-se uma cavidade numa metade da rua em um determinado comprimento. Terminada esta parte, fazia-se a outra metade e assim por diante.

Com a rua macadamizada, Blumenau estava ficando com um outro aspecto. Mas era uma época em que havia ainda muito tráfego de carroças e trânsito de cavalos de montaria, o que provocava uma manutenção constante. Frequentemente aparecia o rolo compressor para compactar remendos tanto pequenos como grandes. Isto fez com que o então superintendente municipal Curt Hering, optasse em dar a Rua XV uma superfície de rolamento de paralelepípedos.

Com a colocação de paralelepípedos, recomeçou-se tudo de novo. O paralelepípedo é um sólido de granito, talhado segundo os planos de clivagens da rocha. São produzidos manualmente em pedreiras, de onde são transportados até o local de consumo. A colocação de paralelepípedos exige a remoção do macadame para não aumentar a altura do leito da rua. Aplica-se uma camada de pedra britada para em seguida colocar uma camada de areia. Os paralelepípedos são colocados um por um, e recalçados com um soquete de aço. Depois de colocados os paralelepípedos, aplica-se uma camada de areia fina para encher os vazios que ficam entre eles. Como havia um rolo compressor disponível, deu-se uma passada final para deixar a superfície uniforme e lisa. O método empregado foi o mesmo como no caso do macadame, isto é, em partes. A formação do leito de paralelepípedos, coincidiu com o decréscimo do tráfego de carroças e o crescente aumento do uso de veículos automotivos.

Biografias

O Maestro Heinz Geyer

Texto:

EDITH
KORMANN*

No dia 27 de janeiro de 1921, chegou ao Brasil o jovem e inteligente músico, compositor e regente Heinz Heinrich Geyer, natural de Muehlheim - Ruhr-Alemanha, nascido aos 27 de junho de 1897, filho de Karl Heinrich G. Geyer e Gertrud Geyer. Seus pais já eram idosos quando nasceu, pois sua mãe já tinha 52 anos de idade, sendo ele educado e criado por duas irmãs solteiras.

De família católica, levantava às cinco horas da manhã para ser coroinha durante a missa. Estudava religião e era o primeiro da classe.

Geyer formou-se no Conservatório Estadual de Música de Duisburg, Alemanha, aos 16 anos de idade. Sob a batuta de Richard Strauss, Geyer percorreu todas as cidades da Alemanha. Com esta formação musical, poderia ter sido uma das maiores expressões musicais do mundo, mas adotou Blumenau, dedicando toda a sua vida à formação musical de amadores para atuarem na sua maravilhosa orquestra sinfônica e no seu coral.

Geyer participou ativamente da primeira guerra mundial, recebendo a Cruz de Ferro, condecoração por bravura. Contraindo reumatismo, sendo aconselhado por seu médico a emigrar para um clima tropical. Em Blumenau encontrou a banda musical de Hermann Ruediger, a banda musical Lyra de Ernst Bernhardt, o Club Musical, além de outros clubes musicais, bandas, associações de canto, etc. Geyer sentia-se em casa!



*) Autora de diversos livros, entre eles: "O Maestro Geyer" e "Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente", em quatro volumes.

Para desfilarem no dia 7 de setembro de 1922, dia do centenário da Independência do Brasil, Geyer consultado se também usaria o uniforme de Tiro de Guerra-475 respondeu: "sentir-me-ei honrado em vestir o uniforme de soldado brasileiro." Esse desfile foi o embrião da orquestra sinfônica criada e dirigida pelo maestro Heinz Geyer, que continuou a frente do Club Musical para o qual careou todos os bons músicos da comunidade. No concerto de Natal do dia 26 de dezembro de 1929, Geyer acompanhou o Liederkranz com a orquestra e a inovação lhe valeu os maiores aplausos. A partir desta data foi encarregado de reger, além da orquestra, corais e solistas nos concertos por ele dirigidos.



Maestro Heinz Geyer

Com o crescimento da comunidade, aumentaram os espectadores levando os associados da Sociedade Teatral "Frohsinn" e outros, a idealizarem um novo teatro. O que muito contribuiu para concretizar o sonho que a sociedade Teatral "Frohsinn" vinha acalentando desde 1928, foi a incorporação da Sociedade Musical Liederkranz, fundada no dia 26 de maio de 1909, à Sociedade Teatral "Frohsinn", no dia 30 de maio de 1936, com o nome de Sociedade Dramático-Musical "Frohsinn".

Para adquirirem o terreno para a construção do novo teatro, entraram em entendimento com Arthur Rabe que solicitou, segundo o maestro, 160 contos de réis pelo terreno. Geyer intercedeu e Arthur Rabe cedeu o terreno por 145 contos de réis. A pedra fundamental foi lançada

no dia 10 de Novembro de 1935. A sede da S. D. M. "Carlos Gomes" foi inaugurada no dia 1º de Julho de 1939, porém o Teatro foi inaugurado no dia 5 de dezembro de 1942 com um grande concerto dirigido pelo maestro Geyer. No dia 12 de fevereiro de 1939, a Sociedade Dramático-Musical "Frohsinn" reestruturou-se sob a denominação de Sociedade Dramático-Musical "Carlos Gomes".

Em 1936 foi grande a repercussão dos meios artísticos e sociais do Vale do Itajaí e também no Estado, a encenação da ópera "Preciosa", de Carl Maria von Weber (criador da ópera nacional alemã), principalmente por ter sido encenada com amadores. O maestro, incansável, foi o maior responsável pelo sucesso do espetáculo.

Segundo Geyer, Blumenau era o centro irradiador da cultura em Santa Catarina. Ele era conhecido no Brasil inteiro e tão prestigiado pela sua música, que um general em visita a Blumenau declinou do convite para visitar as indústrias para assistir aos ensaios do coral e orquestra (pouco antes da guerra), ficando encantado com o trabalho do maestro, pedindo que mais tarde apresentasse algo para a Escola Superior de Guerra. A convite de Nereu Ramos, o coral e orquestra se apresentaram em Florianópolis no Teatro Álvaro de Carvalho no dia 6 de setembro de 1939. Na época era proibido falar alemão e os integrantes do coral e orquestra, quando meio "altos" cantavam em alemão. Nereu Ramos providenciou junto à polícia para que ninguém molestasse os músicos e cantores de Blumenau.

Geyer estava ensaiando no Teatro "Carlos Gomes", quando apareceu o Prof. José Ferreira da Silva acompanhado de Ademar de Barros e duas damas. Uma delas, dirigindo-se a Geyer disse: "o senhor dirige um coral que não tem sotaque, num teatro chamado "Carlos Gomes", aqui em Santa Catarina! Isto é maravilhoso!" Apesar da deposição de Ademar de Barros, o interesse de apresentação em São Paulo continuou de pé e uns dois meses depois, Assis Chateaubriand, Geyer, Curt Hering e Max Tavares do Amaral reuniram-se para tratar da ida do coral e orquestra a São Paulo.

A imprensa de São Paulo divulgou amplamente o acontecimento e o Diário de S. Paulo (4/9/1941) deu ênfase especial ao evento: "Empolgante noite de arte brasileira significou a audição de gala de on-

tem do grande conjunto coral de Blumenau. Foram destaques as peças musicais de Geyer “não só pela sua fina musicalidade, como pelo sentido eminentemente patriótico”. Vibrantes palmas para a “Suíte Brasil” e trechos da ópera “Anita Garibaldi” e principalmente o Hino Nacional a oito vozes, que foi bisado”. Na ocasião Geyer foi apresentado a Ary Barroso pelo Dr. Rizzini e Ary Barroso disse a ele: “que na Alemanha havia uma sociedade de canto coral em quase toda cidade, por menor que fosse”-concluindo “é nisso que reside o segredo da disciplina alemã, que não é uma disciplina militar mas uma disciplina conseguida pela música”

A orquestra da S. D. M. “Carlos Gomes” era composta normalmente de 30 homens, a sonoridade, porém parecia ser de 100 homens, devido aos grandes arranjos feitos pelo Maestro Geyer para o órgão e outros instrumentos musicais.

Todos os integrantes do coral, orquestra, “ballet” e teatro, viviam como uma grande família. Para Geyer não havia diferença entre músicos amadores e profissionais, o que existe são bons ou maus músicos.

A orquestra sinfônica e o coral da S. D. M. “Carlos Gomes” apresentaram-se em Florianópolis, no dia 20 de maio de 1956, às 20:30 hs, no Teatro Álvaro de Carvalho, a convite da Senhora Kirana Lacerda, patrocinadora da “Campanha do Cobertor”. O concerto músico-vocal foi um sucesso, comprovado pelas críticas. A orquestra Sinfônica e o Coro Orfeônico da Sociedade Dramático-Musical Carlos Gomes sob a regência do Maestro Heinz Geyer excursionaram pelo Estado do Rio Grande do Sul, promovendo, com nossos irmãos gaúchos, um intercâmbio artístico-cultural. No dia 5 de dezembro de 1964 a S. D. M. “Carlos Gomes” e o Rotary Clube de Blumenau convidaram para o concerto do coro e orquestra, sob a regência do Maestro Heinz Geyer apresentando como solista o pianista (cego) Angelin Loro.

No dia 8 de dezembro de 1963, grande concerto comemorativo do lançamento do “long play” “Blumenau também canta”, com a presença do Governador Celso Ramos, prefeito municipal Hercílio Deeke e o Secretário da Educação e Cultura Professor Elpidio Barbosa.

O coral e a orquestra do Teatro “Carlos Gomes” participaram em Curitiba do Programa de Cultura Popular do Paraná, apresentando-se

no grande auditório do Teatro Guaíra no dia 6 de Junho de 1964 às 14 horas. Os cientistas participaram da Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso das Ciências, expressaram sua admiração pelo belíssimo concerto com que foram homenageados no dia 13 de julho de 1966, apresentado pelo coral e orquestra da S.D.M. "Carlos Gomes", regido pelo maestro Heinz Geyer.

Dia 9 de março de 1967, Joinville festejou seu aniversário de fundação e a imprensa comentou antecipadamente e com destaque a participação de Blumenau no evento, através do coral e orquestra da S. D. M. "Carlos Gomes". O público presente aplaudiu com entusiasmo e carinho a belíssima apresentação.

Quando da visita de autoridades do MEC a Blumenau para estudarem a implantação de novas Escolas Superiores, a Orquestra e Coral da S. D. M. "Carlos Gomes", sob a regência de Geyer, e o ballet, dirigido por Mara Probst Schloegel, estiveram presentes. Indiscutivelmente, Blumenau e blumenauenses, têm motivos sobejos de orgulhar-se do "Carlos Gomes", cuja tradicionalidade e fama ultrapassam as fronteiras do nosso território e se projetam de maneira indelével e merecida a outros estados brasileiros.

A Orquestra e o Coral da S. D. M. "Carlos Gomes", sob a regência de Geyer, gravaram três discos: "**Blumenau também canta**", "**Nossos pais cantavam assim**" e, "**Natal**".

Geyer também foi presenteado com três batutas: a primeira pelo Capitão Antônio Bricio Guilhon, a segunda por Hermann Ruediger, primeiro regente de Blumenau, e a terceira uma batuta de honra com uma placa de ouro, que lhe foi presenteada pelo Comandante do 23º R. I. pelo seu aniversário.

O maestro era amigo do Prof. José Ferreira da Silva e através do mesmo conheceu e confraternizou com grandes expressões nacionais. Getulio Vargas, Ademar de Barros, Assis Chateaubriand, Juarez Távora, Nereu Ramos, Vila Lobos e Rademacker - vice-presidente da república - que presenteou Geyer com uma pokal, quando da apresentação do concerto em Florianópolis em homenagem à Semana da Marinha. A pokal de "Hindenburg", toda trabalhada em ouro, que está no Centro Cultural 25 de Julho de Blumenau, foi prêmio da participação do "Liederkrantz" num

concurso de corais, onde várias cidades participaram. Geyer dirigiu os ensaios.

Como músico e compositor, tornou-se um grande brasileiro, um sentimentalista, propagando as nossas maravilhosas riquezas musicais, enriquecendo-se com seu toque mágico, todo o polimento digno de um grande e inspirado sentimentalista. Esta característica colocou-o num pedestal de glórias, aonde muito poucos brasileiros têm conseguido chegar.

Geyer completou 50 anos de atividades artísticas em Blumenau, no dia 8 de maio de 1971. A “*Cidade de Blumenau*” de 10 de maio de 1971, sob a direção de Nagel Milton de Mello, prestou-lhe significativa homenagem com o título: “**uma vida dedicada à música**” (Edição Histórica), onde consta uma síntese da vida de Heinz Geyer.

O maestro foi condecorado pelo Governo da Alemanha pelo trabalho realizado no Brasil em prol da música. Pela Lei N° 1175 de 8 de agosto de 1963, recebeu o título de Cidadão Blumenauense da Câmara Municipal de Blumenau.

Oito de maio de 1971 foi um dia de festa! Geyer regeu o concerto do seu “**JUBILEU DE OURO**”, sendo também presenteado com uma viagem em companhia de sua esposa para rever a velha pátria, Alemanha. No final do concerto, Geyer foi destituído de suas funções. O maravilhoso concerto tornou-se em concerto de *despedida*.

Geyer voltou de sua viagem antes do tempo, não se habituaria mais na Alemanha, já era brasileiro por adoção. Foi solicitado por Emil Rossmark para dirigir o coral e a orquestra do Centro Cultural 25 de Julho, pois a maioria dos cantores e músicos eram do Teatro “Carlos Gomes”. Geyer esteve diversas vezes no Centro Cultural “25 de Julho” e resolveu ensaiar o concerto de natal e também preparar o coral e a orquestra para a festa dos cantores. O Centro Cultural “25 de Julho” tirou naquele ano o primeiro lugar. Geyer incluiu no concerto a “Ave Maria do Morro”. Eugen Seelbach dirigiu o concerto. Cantaram no Lyra de São Paulo.

Suas primeiras músicas foram compostas na Alemanha. Além das belíssimas composições musicais de Geyer, algumas de sucesso, a sua obra prima é “Anita Garibaldi”, baseada na heroína de Laguna. A

idéia de escrever a ópera foi do Prof. José Ferreira da Silva. Em 1950, ano do centenário de Blumenau, a ópera estreou. A premiére da ópera, foi um sucesso. "Anita Garibaldi" sobe novamente à cena no Teatro "Carlos Gomes" sob a regência do compositor e maestro nos dias 7 e 9 de Dezembro de 1956. Em 1957 Geyer apresenta sua ópera em São Paulo. O Estado de São Paulo: "Temporada Lírica - "Anita Garibaldi". Pelo indiscutível valor da partitura, pelo sabor da novidade, pela excelência do "regisseur", pelos cenários novos e sugestivos, pela eficiente cooperação do corpo de baile e do coro, pelo trabalho cênico e vocal de Maria Sá Earp e dos outros intérpretes, enfim, por se haver feito teatro constituiu a apresentação de "Anita Garibaldi" o melhor espetáculo da temporada." Com as apresentações em São Paulo, Geyer chegou ao topo da fama e da glória e nada mais, pois financeiramente as apresentações em São Paulo não lhe proporcionaram nem o dinheiro necessário para a viagem de volta. Desgostoso resolveu vender a sua obra prima, que foi adquirida pelo seu grande admirador, amigo e antigo participante da Orquestra Sinfônica do Teatro "Carlos Gomes", residente em São Paulo, Fred Hering, que adquiriu os direitos autorais da ópera no dia 31/12/1957, por cem mil cruzeiros.



**Cenas da Ópera Anita Garibaldi apresentada no
Teatro Carlos Gomes**

Geyer compôs ainda entre outras obras musicais, em 1955, "O Imigrante" e, em 1965 a opereta "Viva o Ministro", com texto de Heinz Geyer e Franz Runze e adaptação e tradução do texto, de José Ferreira da Silva e dos versos Erika Flesch.

Foi professor catedrático de música e canto orfeônico na Escola Normal Pedro II e à disposição do Conservatório de Música "Curt Hering" por decreto de 21/7/1962 e que já dirigia desde 1949. Destituído das funções e profundamente magoado, afastou-se e foi viver em Navegantes com o seu passatempo favorito: a mecânica, a eletricidade e as suas invenções.

No dia 8 de junho de 1982 interpelei o Maestro Geyer sobre a possibilidade de reger e ele me respondeu:

- "Sim, o Concerto da Saudade! Sempre tive energia e o faria com perfeição se me arrumassem os músicos".

No dia 13 de Junho, às 14 horas, Geyer foi levado às pressas para o Hospital Santa Isabel onde faleceu às 18,30 horas, deixando a esposa Hedwig e o filho Heinz Geyer Jr. (Já falecidos), a nora Eunice e os netos Gerson, Gilson e Heinz Geyer Jr.

Antes da saída do féretro para o cemitério da Comunidade Evangélica onde foi sepultado, às 14 horas, um conjunto musical executou "Salve Regina" da ópera "Anita Garibaldi", sua obra prima. No Cemitério, Geyer foi homenageado pelo coral masculino do "Centro Cultural 25 de Julho", com uma canção de Schubert.

Nas homenagens póstumas realizadas no dia 28 de novembro de 1982 no Teatro "Carlos Gomes" o busto de Geyer foi inaugurado.

As homenagens ao maestro Geyer incluíram ainda um concerto, exposição com recortes de jornais, programas, etc. e a denominação do grande auditório do Teatro "Carlos Gomes", de Heinz Geyer.

O documento apresentado nesta sessão está publicado de acordo com o original. Caberá ao pesquisador avaliá-lo cientificamente e ao leitor entender que o mesmo é produto da sociedade que o fabricou.

**Titulo I
Da Matrícula**

Artigo 1^o. - Todo o dono de carro, carreta ou outro qualquer vehiculo, que seja tirado por animaes e que transitem pelas ruas e estradas deste município, é obrigado, dentro de sessenta dias, contados da data do edital que para esse fim for publicado, matricular na Secretaria da camara municipal o vehiculo ou vehiculos que possuir, em cuja ocasião serlhe-há dado uma certidão da dita matricula, com indicação do numero que dever botar ao vehiculo, no prazo de oito dias da data da matricula.

Artigo 2^o. - Terminado o prazo para a dita matricula o Secretario da camara remetterá ao Delegado de policia do Termo, uma copia authentica do registro da matricula.

Artigo 3^o. - Todas as vezes que houver transferencia de dominio de qualquer vehiculo, o adquirente é obrigado, no prazo de 15 dias, averbar na supradita Secretaria, a transferencia.

- Artigo 4^o.* - Se alguém comprar algum vehiculo, nas fabricas desta Villa, ou mandar vir de fóra deste município, não poderá usalo sem previamente o vir dar á matrícula.
- Artigo 5^o.* - Quando se inutilisar qualquer vehiculo, deve o proprietario vir declarar esse facto, afim de se dar baixa na matrícula.
- Artigo 6^o.* - De todas as alterações que se fizer na referida matrícula, será mensalmente enviada uma copia ao Delegado de policia.

Título II Dos conductores

- Artigo 7^o.* - Nenhum carro, carreta ou qualquer outro vehiculo, tirado por animaes, poderá ser dirigido por pessoa menor de 18 annos.
- Artigo 8^o.* - Todos os conductores deverão trazer sempre consigo a certidão da matrícula do vehiculo que conduzirem e o talão do pagamento do imposto respectivo, cujos documentos devem exhibir á qualquer authoridade policial ou municipal todas ás vezes que lhes fôr exigido.
- Artigo 9^o.* - Todos os conductores são obrigados:
- § 1^o. - A conduzir os vehiculos pelo centro das ruas e estradas, dando o desvio necessario quando se encontrarem com outro vehiculo para que este lhe passe pelo lado esquerdo da boléa.
 - § 2^o. - A conservár as lanternas acezas desde o anoitecer até se recolher o vehiculo á cocheira.
 - § 3^o. - A trazerem os animaes a trote curto dentro dos limites da villa e das povoações, pondo-os passos nas intercessões das ruas e quando passarem sobre as pontes.

Título III
Disposições Geraes

Artigo 10º. - É prohibido:

§ 1º. - Fazer trabalhar animaes não domados nem adestrados para esse fim, tanto em carretas, como nos carros e n'outros quaesquer vehiculos, assim como, que os mesmos vehiculos sejam dirigidos por pessoas inexperientes e incapazes desse serviço ou menores de 18 annos, conforme estabelece o artigo 7º.

§ 2º. - Ter qualquer vehiculo parado nas esquinas, a par ou em frente de outro vehiculo, ou de qualquer outra fórma que possa embaraçar o transito publico.

§ 3º. - A permanencia durante a noite, de qualquer carro, carreta ou outro vehiculo, nas ruas, praças e estradas, fóra do *ponto*, ponto destinado para estacionar.

Artigo 11º. - Conforme dispõe o artigo 59 do codigo de posturas, são sujeitos ao imposto todos os vehiculos tirados por animaes, que passarem pelas estradas publicas deste municipio.

Artigo 12º. - Todos os carros, carroças ou carretas serão numerados em algarismo branco em lugar bem visivel, e as seges, caleças e outros vehiculos de conduzir passageiros, terão o numero pintado na trazeira, em uma elypse preta com algarismo branco de 0,08m.

Artigo 13º. - O deposito dos carros, carretas e outros vehiculos que forem apprehendidos pelas autoridades policiaes ou municipaes será feito em poder do procurador da camara sob sua responsabilidade.

Artigo 14º. - A execução do presente regulamento compete não só ao fiscal e ao procurador da camara, como também ás autoridades policiaes.

Título IV Das penas

- Artigo 15º.* - Aquelles que infringirem alguma das disposições dos artigos 1º, 3º, 4º, 7º, será apprehendido o vehiculo e recolhido ao deposito d'onde só poderá ser retirado depois de satisfeita a multa de 5\$000 rs. despezas a que der logar.
- Artigo 16º.* - Os que infringirem qualquer das disposições contidas nos artigos 8º., 9º. e seus §§, serão multados em 5\$000 rs.
- Artigo 17º.* - O infractor de qualquer das disposições dos artigos 10, incorre nas mesmas penas do artigo 15.
- Artigo 18º.* - Os proprietários de vehiculos, que não pagarem dentro do prazo estabelecido no artigo 64 do codigo de posturas o respectivo imposto, ficão sujeitos a multa de que trata o artigo 52 do mesmo codigo.
- Artigo 19º.* - A satisfação das penas impostas por este regulamento, não exime aos que nas mesmas tiverem incorrido de outras penas em que possão tambem ter incorrido em virtude das disposições criminaes e de satisfazerem o damno que por ventura tenham causado.
- Artigo 20º.* - Nas reincidencias as multas serão duplicadas, não sendo considerado reincidencia quando acontecer depois de seis mezes.
Paço da Assembléia Legislativa Provincial de Santa Catarina, em 30 de abril de 1883.

O Presidente

Antonio Luiz Ferreira de Mello

O 1º. Secretario

Thomaz Argemiro Ferreira Chaves

Autores Catarinenses

Ecos de um Congresso

- **Ecos de um Congresso**
- **“Nossa América**
- **Variadas**

Texto:

*ENÉAS
ATHANAZIO**

Em alentado volume, com mais de 800 páginas, o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) acaba de dar a público os “Anais do Congresso de História e Geografia de Santa Catarina”, realizado em Florianópolis, entre 4 e 7 de setembro de 1996, e alusivo ao centenário da Instituição. Compendiando cerca de 60 trabalhos, o volume retrata a realidade catarinense em seus aspectos físico e cultural, através da palavra de estudiosos que a abordam nas mais variadas facetas, como historiografia, maçonaria, a educação, a micro-história, a genealogia, a opinião dos viajantes, a heráldica, os partidos políticos, a administração, enfoques da colonização, a industrialização, a agricultura, o comércio, as rodovias, a questão agrária, o folclore, o turismo, museus, festas populares, culinária, as raízes açorianas e mil outros aspectos que permitem um conhecimento mais completo de nossa terra e nossa gente, ontem e hoje.

Todos os trabalhos são interessantes e bem fundamentados, de onde se pode inferir o excelente nível de conclave. Não me agradaram muito os dois ou três de cunho biográfico, sempre tendentes a hagiografia, o que parece uma constante no gênero, por isso mais aproximado pelos críticos à ficção que à história, como deveria ser.

Alguns trabalhos, pela curiosidade, merecem um destaque especial. É o caso de “Novembrada”, de Paschoal Apóstolo Pitsica, relatando com minúcias a batalha campal em que

BLUMENAU
em Cadernos

*) Escritor e advogado.

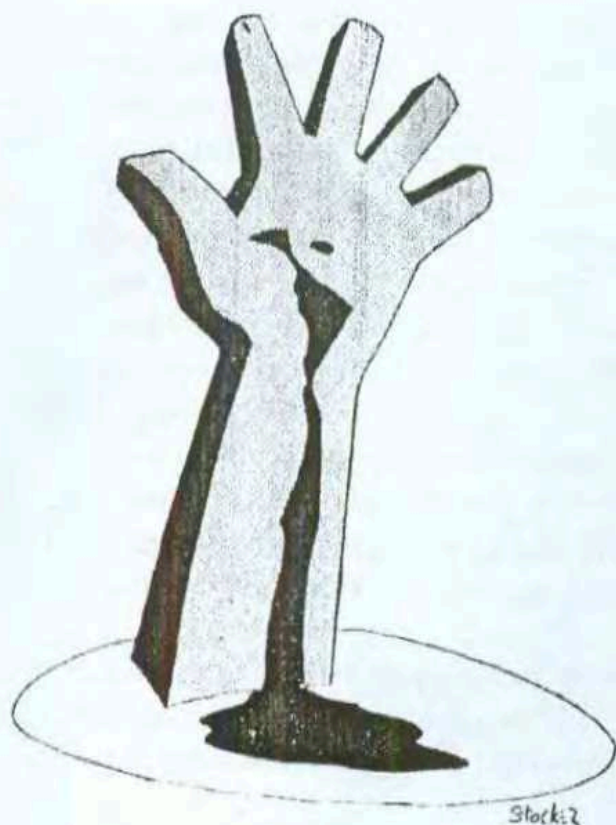
se envolveram o “presidente” Figueiredo e comitiva, em sua malsinada visita à Capital, em 30 de novembro de 1979. É um relato corajoso e acredito que o primeiro até hoje feito com preocupação histórica. Também de alto nível é o ensaio de Iaponan Soares sobre a vida e a obra de Marcelino Antonio Dutra, lançando novas luzes sobre o poeta. Não lhe fica atrás o estudo de Roselys Izabel Correa dos Santos sobre a visão de Santa Catarina através das cartas de imigrantes. É um enfoque moderno, coerente com as tendências atuais de fazer a história de baixo para cima, partindo da intimidade para o público. Destaco, ainda, o ensaio de Sílvio Coelho dos Santos sobre Albert Voitech Fric e a Liga Patriótica. Sempre inspirado e sensível, ele mostra que nem todo mundo silenciava diante do genocídio praticado contra os índios e que havia homens valentes que se levantavam em defesa dos infelizes que viram suas terras invadidas a ferro e fogo por alienígenas violentos e barbaçudos. É um texto que nos lava a alma.

Concluindo, diria que estão de parabéns o IHGSC e os autores dos trabalhos pelo conclave realizado. Bem que os “Anais” mereceriam divulgação em toda parte, contribuindo para divulgar o nosso Estado.

“Nossa América”

Embora menos divulgado do que mereceria, o Memorial da América Latina, em São Paulo, é um grande esforço no sentido de integrar a latinidade americana através das atividades culturais e científicas, divulgando o que se produz nos diversos países, nessas áreas. Sendo o Brasil a “Nova Roma” e o maior país latino do mundo, como dizia Darcy Ribeiro, explica-se esse monumento, incluindo o Parlamento Latino Americano (Parlatino), tenha sido construído em nosso território. Ele mantém permanente calendário dos mais variados eventos com a participação de escritores, artistas plásticos, músicos, educadores, cientistas e personalidades de destaque na vida latino-americana, procurando manter bem vivos os laços com nossos vizinhos.

Entre suas atividades permanentes, o Memorial publica a revista “Nossa América”, com edições em português e espanhol, cujos dois



Memorial da América Latina (São Paulo)

Alejo Carpentier, os colombianos Sergio Cabrera e Marco Tulio Garra-
muño, o venezuelano Roberto Guevara, o uruguaio Eduardo Galeano, o
mexicano Octávio Paz e inúmeros brasileiros, escrevendo sobre artes em
geral, cinema, história, literatura, economia, integração continental, idé-
ias, livros, fotografia e muitos outros assuntos, além de entrevistas, crôni-
cas, páginas de ficção, poesias, fotos e amplas reproduções de obras de
arte de vários países. São fontes de prazer e informação inesgotável para
quem se interessa pelos nossos irmãos latinos, tão próximos na geografia
e nas origens, e em geral quase desconhecidos. É claro que uma visita ao
Memorial deve estar no roteiro de quem vai à Paulicéia e a literatura de
“Nossa América” precisa se inserir nos nossos hábitos.

últimos números acabo de ler com o maior intere-
resse. Coerente com os propósitos da Instituição que a edita, a revista dá ênfase aos assuntos lati-
no-americanos e apre-
senta excelente feitiço grá-
fico, bem ilustrada e rica em informações.

Nestes últimos nú-
meros ela permite um contato, nem sempre fácil na imprensa regular, com figuras como Simón Bo-
lívar, biografado por Mo-
acyr Werneck de Castro, o paraguaio Augusto Roa Bastos, o chileno José Donoso, abordado por Poli Délano, os cubanos Julio García Espinosa e

Variadas

- O jurista e professor blumenauense Haroldo Pabst está publicando pela Editora Forense, do Rio de Janeiro, um importante livro jurídico destinado à melhor aceitação. Trata-se de “Mercosul - Direito à Integração”, no qual ele estuda as implicações da formação desse bloco comercial internacional sob os mais variados pontos de vista do Direito. Esse é o terceiro livro do autor, todos versando temas pouco conhecidos das letras jurídicas, aos quais ele dá novas luzes.

- “Exeus”, de Dennis Radünz, é o volume em que o jovem poeta de Blumenau reúne algumas de suas mais expressivas composições. Publicado pela Editora da UFSC, foi contemplado com o Prêmio Revelação, da Academia Catarinense de Letras, em 1996, e merece atenta leitura dos aficionados da boa poesia..

- Estão circulando novos números dos boletins da União Brasileira de Escritores (UBE/SC), da Academia Catarinense de Letras (ACL) e do grupo literário “A Figueira”, todos com notícias de suas atividades e matéria literárias.

- O pesquisador Carlos Guérios, natural de Porto União, há três anos vem coletando dados sobre os sírio - libaneses que se radicaram em nosso Estado, seus descendentes e atividades a que se dedicam, cidades onde se fixaram e tudo o mais. Os interessados poderão entrar em contato com ele pelo telefone (047) 344-6165 ou escrever para a Rua Indaial, 1338 - CEP 88300-000 - Itajaí.

- O Centro Cultural de Balneário Camboriú promoveu exposição de fotos de Sebastião Salgado, com grande afluência de público. Não foi menor o sucesso da exposição de charges publicadas no “Jornal Página 3”, no mesmo local, mostrando de uma só vez inúmeros trabalhos divulgados em diferentes edições.

**Documentos
Originais**

Correspondências

**Carta de
Marie Koechy**

*Esta seção que se intitula **TRADUÇÕES** visa fornecer aos leitores que compreendem a língua alemã uma oportunidade para exercitar seus conhecimentos e, ao mesmo tempo, obter uma panorâmica sobre o estilo da linguagem alemã do início do século em Blumenau.*

Aos leitores que não dominam o idioma, oferecemos a tradução do artigo. Nossa versão visa contribuir para a recuperação da História regional e ao mesmo tempo incitar leitores e pesquisadores a investigações mais profundas que o texto possa suscitar.

*Apresentamos a seguir uma carta de **Marie Koechy**, escrita em 01 de outubro de 1881, na qual descreve as suas dificuldades após o falecimento do seu esposo.*

***Marie Koechy** (nascida Haeusle), residia em Braunschweig (Alemanha) escreveu cartas 1881 - 1882, para a Senhora Johanna Probst, (nascida Liesenberg) e residente em Blumenau.*



*) Tradução de Alda Niemeyer em março/1997.

Braunschweig d. 1 Oct. 1881

Geehrte Frau Probst

Tief betrubten Herzens erfülle ich die traurige Pflicht, Ihnen den am 26 ten September erfolgten Tod meines geliebten Mannes anzuzeigen. Er starb ohne vorhergegangene Krankheit ploetzlich an einem Herzschlage, uns alle in tiefem Schmerze ueber seinen Verlust zuruecklassend.

Mein Bruder, der Justizrat Haeusler, hat sich erboten, an Herrn Hosang zu schreiben und wird dieser Ihnen freundlichst mitteilen, was Ihre kleine Bertha beim traurigen Todesfall angeht. Ich fuehle mich noch ausser Stande heute mehr darueber zu schreiben.

Ihre tief gebeugte
Marie Koechy geb. Haeusler

Braunschweig d. 2. August 1882

Liebe Frau Probst

Ihren Wunsch, von mir Antwort auf Ihren Brief vom November vorigen Jahres zu erhalten, hatte ich mir immer vorgenommen zu erfuellen, da wir aber seit vielen Monaten auf die von Ihnen zu schickenden Papiere warteten, habe ich immer noch mit Schreiben gewartet. Mein Bruder, Justizrat Haeusler, der Testamentsvollstrecker meines Mannes, hat im Januar an Herrn Hosang deshalb geschrieben und ein Verzeichnis aller Papiere gesandt, bis heute haben wir aber keine erhalten, auch keine Nachricht aus Blumenau. Wie unangenehm das ist, kann ich Ihnen garnicht beschreiben, wir sind alleine ausser Stande, Berthas Erbtheil auszu zahlen, auch wir hier koennen nicht das Geringste tun. Die Verteilung des Vermoegens, das mein Mann hinterlassen hat, hängt ganz davon ab,

Braunschweig, em 1. de out. De 1881

Prezada senhora Probst,

Com profunda aflição no coração cumpro o triste dever de comunicar-lhe o falecimento de meu amado esposo, ocorrido no dia 26 de setembro. Ele faleceu repentinamente sem ter apresentado doença anteriormente, de um ataque do coração, deixando-nos todos em profunda dor.

Meu irmão, o Conselheiro da Justiça se prontificou a escrever ao senhor Hosang, que terá a amabilidade de lhe comunicar, no que diz respeito à sua filhinha Berta, com essa triste ocorrência do falecimento, eu não estou em condições de lhe escrever mais no momento,

sua profundamente entristecida
Marie Koechy, nasc. Haeusler.

Braunschweig, 2 de agosto de 1882

Querida Senhora Probst.

Há muito tempo queria escrever-lhe, atendendo seu desejo externado na carta de novembro do ano passado, porém estou esperando há meses a remessa da documentação e por isso aguardei para lhe escrever. Meu irmão, o Conselheiro de Justiça, que é o testamenteiro de meu finado marido, escreveu em janeiro sobre o assunto ao senhor Hosang, relacionando a lista completa dos papéis, porém até hoje não recebemos nada, nem qualquer notícia de Blumenau. Não posso descrever quão desagradável isto é para nós. Não estamos em condições de resgatar a parte que cabe à Berta, mas também aqui nada podemos fazer. A partilha dos

bis wir Berthas Teil ausgezahlt haben. Bitte sprechen Sie noch mal mit Herrn Hosang, dass die Sache endlich erledigt wird. Wie mir Herr Sallentien sagt, macht dergleichen dort viel Schwierigkeiten, aber auch Sie werden doch wünschen, dass Berthas Vermögen, das doch über 6000 Taler beträgt, in Ihren Besitz kommt. Was nun mich betrifft, jetzt nun fast ein Jahr Witwe, so sind trübe Tage an mir vorüber gezogen. Ich habe das Haus, in dem wir so glücklich gelebt haben, vor einigen Monaten verkauft, da es für meine Verhältnisse zu wenig passte, und wohne jetzt in einer Mietwohnung, Parkstrasse 7, wenn Sie mir wieder einmal schreiben wollen. Sonst geht es uns allen gut, nachdem wir viel mit den Krankheiten meiner Schwiegertochter und meines Sohnes Hans durchgemacht haben, ist jetzt eine bessere Zeit gekommen, und ich wünsche, dass es auch Ihnen und Ihrer Familie gut ergeht, und Sie die Folgen der grossen Ueberschwemmung, die Blumenau getroffen hat, nun gänzlich überstanden haben. Ich habe neulich Herrn Sallentien gesprochen, er sagte mir viel Gutes über Ihren zweiten Mann, den er in jeder Beziehung lobte. Von Herzen freue ich mich dessen, und wünsche Ihnen, Sie möchten jetzt den vielen Kummer und die vielen Sorgen vergessen können, die Sie früher ertragen haben. Ich würde mich freuen, wenn Sie mir bald antworteten, ich höre gern, wie es Ihnen, Bertha und Ihren andern Lieben ergeht. Es liegt auch zu sehr in Ihrem eigenen Interesse, wenn Sie mir umgehend antworten, weshalb wir so lange ohne Nachricht sind. Nachträglich muss ich Ihnen noch sagen, dass von den Bildern, die Sie geschickt haben, nur das von Bertha in unsere Hände gekommen ist, das Paket war entzwei und die beiden anderen verloren. Dagegen haben das hübsche Fell und die reizenden Vögel hier grosse Freude erregt, ersteres prangt vor dem Schreibtisch meiner Tochter Wägener und mit letzteren haben meine Enkelinnen ihre Hüte geschmückt und viel Beifall damit gefunden. Zum Schluss bitte ich noch um freundliche Grüsse an Herrn Probst und Ihre Bertha. Später kann ich ihr wohl ein Bild von ihrem Grossvater schicken, leider habe ich jetzt kein gutes, ich will aber nach einem früheren Bilde welche abnehmen lassen.

Mit freundlichem Gruss
Ihre Marie Köchy.

bens de meu finado marido depende totalmente do pagamento da parte da Berta. Por favor, fale com o senhor Hosang, para que esta pendência seja concluída. Pelo que o senhor Sallentien nos falou, que essas coisas lá são muito difíceis e demoradas, mas também a senhora deve desejar que o quinhão da Berta, que é mais de 6.000 Taler, chegue às suas mãos. Quanto a mim, há quase um ano viúva, passei por muitos dias sombrios. Há alguns meses vendi a casa onde vivemos dias felizes, pois a mesma não mais se ajustava às minhas condições atuais e, estou morando numa casa de aluguel, Parkstrasse -7, caso venha a escrever-me novamente. Estamos atualmente todos passando bem. Depois de sofrer muito com doenças de minha nora e de meu filho Hans, finalmente estão apontando dias melhores. Desejo que também a senhora e sua família estejam bem e tenham superado as conseqüências da grande enchente. Recentemente falei com o Sr. Sallentien, o qual fez boas referências sobre seu segundo marido, elogiando-o de toda maneira. Isso alegra-me de todo coração e desejo-lhe que possa agora esquecer as aflições e preocupações suportadas. Ficaria grata se escrevesse logo. Muito alegrou-me saber que todos aí, a senhora, Berta, e seus outros queridos estão passando bem. Também é de seu próprio interesse em nos comunicar o que motivou tão longa falta de notícias. Quero comunicar-lhe, que das fotos remetidas, somente a da Berta veio a nossas mãos, o pacote estava aberto e as duas outras perdidas. A bonita pele e os encantadores pássaros causaram muita alegria. A pele adorna a escrivantina de minha filha Waegener e com os pássaros minhas netas enfeitaram seus chapéus, causando muita admiração. Finalizando peço transmitir saudações ao Sr. Probst e à sua Berta. Mais tarde enviarei uma foto do avô de Berta, atualmente não tenho um bom retrato, quero mandar reproduzir alguns de um retrato antigo.

Cordiais saudações, sua
Marie Hoechy.

**Verbetes
para a
História
Catarinense**

**- Festa da
Cumeeira
- Cigarra /
Besouro de
Natal /
Weihnachts-
käfer**

Texto:

*THEOBALDO
COSTA
JAMUNDÁ**



1 - Festa da Cumeeira (Ainda)

A escritora Edith Kormann me disse que no universo territorial do município de Brusque onde nasceu que, às vezes, a folharada dos galhos informadores que ocorria homenagem a cumeeira colocada, estavam voltados para o chão e não para o céu. E assim estavam eram por quê o dono da construção, não custeara a cervejada. Esta informação foi mais uma lição de catarinensismo recebida de quem é de amor profundo por blumenauensidades.

As festas de muitas cumeeiras das minhas anotações, nas periferias de Blumenau, Pomerode, Timbó e apenas umas quatro em Ibirama, foram motivadas por consenso entre os operários mais o maior interessado que a obra fosse feita: existiu obediência ao costume. Daí por que não registrei a censura dos operários ao dono da obra.

As variáveis no gosto e no costume da criatura humana conferem a riqueza dos contrastes, e elas enraízam a complexidade folclórica. Neste raciocínio colocamos a blumenauensidade bonita onde a Cigarra (Baumgrille) está na lenda.

**2 - Cigarra / Besouro de Natal /
Weihnachtskäfer**

Inseto de fábulas e das fábulas, a Cigarra é personagem encantadora na sua utilidade folclórica de lenda, que o químico alemão regente dos cantores em Indaial, SC., Hans Schneider, me dis-

*) Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Cadeira no. 5 da Academia Catarinense de Letras.

se ser da região da Prússia pomerânica. Antes de conhecer a lenda, minha informação sobre este inseto era da lenda de teor comparativo com a Formiga: a Formiga operária organizada e trabalhadora, e a Cigarra cantora malandra; a formiga criatura de sociedade organizada, e a cigarra criatura de cantar até rachar. - Curioso é que omitia-se para os necessitados de aprendizagem que a formiga saúva (ou saúba) causavam, exatamente, pela organização, prejuízos medidos em toneladas: sob econômica visão do produtor rural, era inimigo poderoso. Na minha infância e na minha juventude vi, no engenho Camaçary (Escada, PE) a operosidade destrutiva da saúva.

O livro de Olegário Mariano, *Últimas Cigarras* (1920) me deu estimulação de romântica simpatia ao ouvir o canto da Cigarra. Durante a tarde indo para o crepúsculo era mais que o canto de inseto: poético e inspirador.

Quando cheguei para os catarinas, o canto da Cigarra já era amor ecológico. Naqueles idos de 1939 de abril para frente, encantei-me com a arborização da avenida Rio Branco era de árvores que só as comecei conhecer em Blumenau. E exatamente, quando o verão começou, nas árvores daquela rua as cigarras me disseram que eram as mesmas do livro de Olegario Mariano. - Imaginadamente as ouvi lembrando pedaços de sonetos e entendendo-as: também migrantes.

A simpatia romântica que com elas me envolveu, foi caldo de cultura para a lição que sobre elas Ruth me deu: aprendi que na lenda, era Besouro de Natal, isto para nós os estranhos na paisagem humana. Isto por que nessa, ainda na década de 40, quando no lar, na igreja, na escola e na rua, e também entre assemelhados nas repartições públicas, a maioria falava alemão, era: **Weihnachtskäfer**.

Dir-se-ia que a lenda funcionava como fosse meio didático de educação doméstica usado pelo pais: a Cigarra era o invisível São Nicolau espionando crianças para relacioná-las de acordo com o comportamento; decorrente do que visse Papai-Noel praticava, nominalmente, a colocação de presente em torno da árvore de Natal.

Já no fim da primavera e crescendo na entrada do verão a Cigarra assumia os encargos de vigilante de comportamentos. E a Cigarra não era subornável por quê sendo o próprio São Nicolau, era invisível. Este

engodo lendário, era positivo, principalmente, no motivar interesse pelo momento natalino: dar significação incomparável aos aspectos religioso e social do **Dia de Natal**.

A regência da lenda no dia criava atmosfera um tanto sobrenatural, na qual, também os adultos eram envolvidos espiritualmente, como autores no palco dos preparativos. Notava-se que o canto da cigarra na orquestra dos pássaros com outros ruídos, era distintamente, ouvido: é que a Cigarra estava vestida na vez que substantivava a proximidade do **Dia de Natal**.

E no meio rural onde grande era o número de Cigarras nas cantorias, era possível sentir-se nele o influenciamento da lenda no ar respirado: e nos lares os quefazeres eram praticados sob graças divinas.

Esta lenda desenvolvida na música do canto da Cigarra e outras, e mais ainda as Cantigas de Ninar, ocorrências literárias, conhecidas dos herdeiros de pioneiros da **Kolonie Blumenau** (1850) já um tanto esmaecidas pelas mudanças transformadoras, chegaram, se muito até a década 60 (Sessenta).

Aqui fica subsídio para comparação desta lenda, na qual a Cigarra é o Besouro de Natal, invisivelmente, São Nicolau; e que assentava bem num ontem muito ontem blumenauense, ser **Weihnachtskäfer**.

Está no incomparável **Lucas A. Boiteux** (1880-1966) dizendo: "*A Cantoria deste Inseto é produto de Praga: Cantar até rachar*". (Não diz o pesquisador a quem tanto se deve, de quem ouviu e onde colheu a lenda) (*Cf. Poranduba Catarinense - Comissão Catarinense de Folclore, 1957*)

A lenda que na minha catalogação é blumenauensidade: manifestação intelectual transmigrada pelos anos de 1850 e já folclórica, está comentada in Boletim Trimestral - Comissão Catarinense de Folclore, nº 12 / 1952. Deu-me ela carta congratulatória de Carlos Fouquet; (Tomei-a como aprovação estimuladora e também dignificadora, pois, este escritor nascido em Blumenau, SC., fez o doutorado em Letras na Alemanha, e lá lecionou; tem obra publicada como título de pesquisa histórica valorizado; e foi dos que ativaram, destacadamente, o Instituto Hans Staden (São Paulo, SP) - Seu livro: "O Imigrante Alemão e seus descendentes no Brasil 1808 - 1824 - 1974" (1974) é indispensável ao interessado na matéria.

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura Nova: R\$ 30,00 (anual=12 números)
-) Renovação Assinatura: R\$ 20,00 (anual=12 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 40,00
-) Exemplares avulsos: R\$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)



Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de 1997 (Tomo 38). Anexo a este cupom a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:



Forma de Pagamento:

- Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)
- Cheque
Banco:
Número:
Valor: R\$
- Dinheiro

Dados do assinante:

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Caixa Postal: _____
CEP: _____ - _____ Fone p/ contato: _____
Cidade: _____ Estado: _____



.....

Assinatura

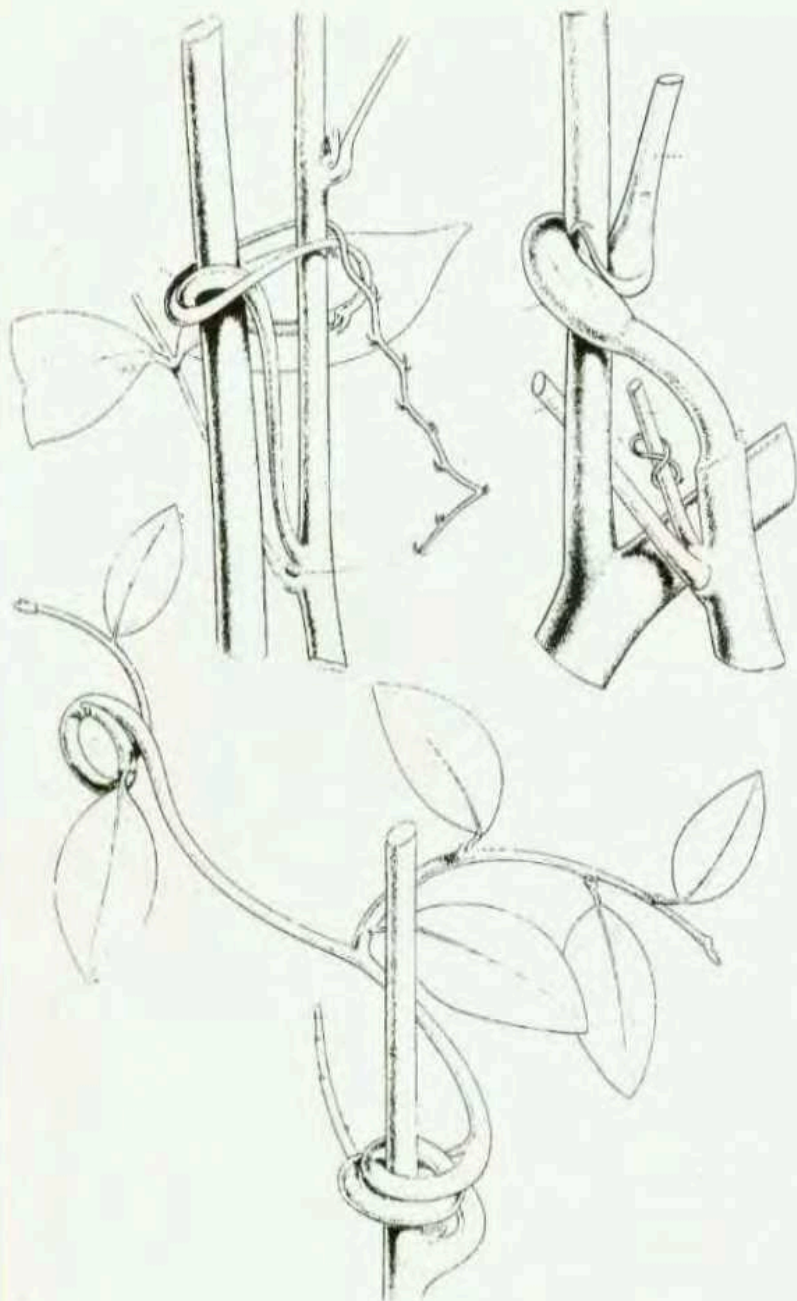
Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Apoio Cultural:

- Aiga Barreto Mueller Hering
- Alfredo Luiz Baumgarten
- Altamiro Jaime Buerger
- Antônio Roberto Nascimento
- Ariano Buerger e Família
- Armando Luiz Medeiros
- **Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S/A**
- Benjamim Margarida e Família
- Buschle & Lepper S/A
- Casa Flamingo Ltda
- Companhia Comercial Schrader
- Cooperhering
- **Cremer S/A**
- Curt Fiedler
- D. G. S. Factoring Fomento Comercial Ltda
- Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A
- Engepron - Engenharia, Projetos e Montagens Ltda
- Família Fouquet
- Genésio Deschamps
- Gráfica 43 S/A Ind. e Com.
- **Hering Têxtil**
- Herwig Shimizu Arquitetos Associados
- HOH Máquinas e Equipamentos Industriais Ltda
- Joalheria e Ótica Schwabe Ltda
- Lindner Arquitetura e Gerenciamento S/C Ltda
- M.J.T. Representações e Serviços Ltda
- Madeireira Odebrecht Ltda
- Nelson Vieira Pamplona
- Niels Deeke
- Padre Antonio Francisco Bohn
- Posto Hass Ltda
- Silvio Paulo Araldi, advogado, e família
- TEKA - Tecelagem Kuehrich S/A
- Transformadores Mega Ltda
- UNIMED - Blumenau
- Victoria e Willy Sievert
- Waltec Eletro Eletrônica Ltda



À HERMANN MÜLLER

...“há poucos dias lhe enviei um artigo sobre trepadeiras escrito por seu irmão, quando então soube, pela primeira vez, que Fritz Müller era seu irmão. Eu tenho o maior respeito por ele como um dos mais hábeis naturalistas vivos, e ele tem me ajudado de muitas maneiras com extraordinária amabilidade.”

Segundo nota de Francis Darwin no rodapé da carta de Darwin a Hermann Müller, 1881.